



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

---

## EDUCAÇÃO, SUJEITOS E LUGAR DE FALA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

## EDUCATION, SUBJECTS AND PLACE OF SPEECH: A REFLECTION FROM CULTURAL STUDIES

Taís Mendes Carneiro<sup>1</sup>

Janete Rosa da Fonseca<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda os desafios enfrentados pela educação contemporânea em um contexto de pós-modernidade, destacando a importância dos Estudos Culturais e da Interseccionalidade na compreensão teórica na reflexão sobre as questões relativas aos sujeitos da educação. Enfatiza a necessidade de considerar o ambiente escolar como um espaço cultural de diversidades, reconhecendo as influências do meio social, das redes sociais e da família sobre os indivíduos na comunidade escolar ressaltando a necessidade de ampliar os espaços de fala no ambiente escolar, promovendo a escuta afetiva como instrumento para compreender e adequar as subjetividades dos estudantes. Intenta-se estender o debate para o âmbito político, apontando que a escola pública, como instituição cultural e acadêmica gerida pelo Estado, está sujeita às políticas públicas que refletem as escolhas de governantes, que algumas vezes não são benéficas para a educação. Por vezes, o reflexo disso são situações conflitivas, pois não é usual ter um estudo prévio, ou uma consulta interna comunidade para debater a funcionalidade de tais ações neste que é um ambiente cultural tão plural. Observa-se, deste modo, que a gestão democrática tão defendida em legislação e no discurso da Formação Continuada de professores, distancia-se da sua função, por desconsiderar o mais importante, o parecer daqueles que diariamente estão colocando em prática vivências, saber científico e procedimentos metodológicos e técnicos. Pretende-se ainda discutir sobre as influências das redes sociais na formação de opinião e na disseminação de ideologias; nesse tocante é mencionada a atuação da extrema direita, o discurso de ódio e a manipulação de informações para justificar determinadas agendas. Busca-se ainda enfatizar a importância de integrar perspectivas teóricas dos Estudos Culturais, através de revisão bibliográfica, nas práticas educacionais a fim de criar ambientes inclusivos, no qual se celebra a riqueza das experiências individuais e se respeita a integralidade de cada indivíduo.

---

<sup>1</sup>Licenciada em Letras Português/Inglês. Mestranda em Estudos Culturais pela UFMS/CPAQ. E-mail: [tais\\_letras@yahoo.com.br](mailto:tais_letras@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Pós Doutorado em Neurociência(FURG), Pós Doutorado em Educação (UCDB), Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ. E-mail: [janete.fonseca@ufms.br](mailto:janete.fonseca@ufms.br)



**Palavras-chave:** Estudos Culturais, Interseccionalidade, Lugar de fala.

## ABSTRACT

This paper addresses the challenges faced by contemporary education in a context of post-modernity, highlighting the importance of Cultural Studies and Intersectionality in theoretical understanding and reflection on issues relating to the subjects of education. It emphasizes the need to consider the school environment as a cultural space of diversity, recognizing the influences of the social environment, social networks and the family on individuals in the school community, highlighting the need to expand the spaces for speech in the school environment, promoting affective listening as an instrument for understanding and adapting students' subjectivities. The aim is to extend the debate to the political sphere, pointing out that the public school, as a cultural and academic institution managed by the state, is subject to public policies that reflect the choices made by government officials, which are sometimes not beneficial to education. Sometimes it results in conflictive situations, as it is not usual to have a prior study or internal community consultation to debate the functionality of such actions in what is such a plural cultural environment. In this way, it can be seen, that the democratic management that is so widely defended in legislation and in the discourse of Continuing Teacher Education is distancing itself from its function by disregarding the most important thing, the opinion of those who are putting their experiences, scientific knowledge and methodological and technical procedures into practice on a daily basis. The aim is also to discuss the influences of social networks on opinion formation and the dissemination of ideologies; in this regard, the actions of the extreme right, hate speech and the manipulation of information to justify certain agendas are mentioned. It also seeks to emphasize the importance of integrating the theoretical perspectives of Cultural Studies, through a literature review, into educational practices to create inclusive environments in which the richness of individual experiences is celebrated, and the integrality of everyone is respected.

**Keywords:** Cultural Studies, Intersectionality, Place of speech

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura de um povo é a forma de expressão genuína das diversidades presentes em cada segmento da sociedade. O processo de formação de identidade durante as diversas fases da vida humana, vão “moldando” algumas vezes consciente, outras inconscientemente nossa forma de agir. A medida em que entramos em contato com os diferentes artefatos culturais tanto com relação às manifestações artísticas, quanto com as redes sociais vamos nos apropriando de formas de pensar e de agir no meio social.

Como em todo segmento da vida, há pontos positivos e negativos nisso, por isso os Estudos Culturais, por meio da análise das pluralidades de diversidades é ferramenta para buscar o debate tão importante para compreender a formação humana a partir de seu contato com as modernas formas de interação que, instrumentos como. Somadas as redes sociais abarcam; somadas a isso vasta literatura científica presentes na análise profunda da cultura e das formas de



produção e criação de significados que as sociedades trazem geração após geração sem a reflexão de seu benefício ou malefício na formação humana.

A educação contemporânea enfrenta desafios ímpares para refletir o ambiente escolar como um espaço cultural de diversidade. Os estudos culturais e os estudos interdisciplinares são fundamentais para a compreensão de conceitos teóricos e para a reflexão sobre os sujeitos da educação. Esses estudos ajudam a compreender as origens e os caminhos das ideologias nas diversas formas discursivas. Ao analisar as experiências dos professores e estudantes são exploradas as diferenças no ambiente educacional, as identidades dos estudantes e a interseccionalidade. Os objetivos são compreender as diversidades e a influência das redes sociais na formação da identidade estudantil, discutir a importância da análise dos discursos das redes sociais a fim de identificar discursos segregadoras, refletir sobre a importância dos lugares de fala no ambiente cultural escolar, buscando enfatizar a importância da escuta ativa na compreensão das subjetividades.

A educação apresenta muitas vezes desafios na abordagem de questões políticas, uma vez que as escolas são espaços culturais e acadêmicos e que seus sujeitos estão expostos não só a cultura local, mas a uma diversidade cultural proporcionada pela forma moderna de interação em um mundo globalizado. Na modernidade, políticas internas e externas modificam formas de pensar e agir no meio social, também modificam práticas educativas com base na visão unilateral ou coletiva a depender do grupo político que esteja no poder.

O comportamento estudantil reflete nas salas de aula, diariamente a forma de pensar e de agir do grupo no qual aquele(es) sujeitos estão inseridos.

A análise dessas manifestações e a compreensão de tais nuances pode ser uma forma “aparar” as arestas, de buscar o debate dentro das diversidades de camadas que compõe a formação de um jovem, trazendo assim, quem sabe, uma ferramenta dialógica que pode ser usada na mediação de conflitos nos ambientes escolares.

Compreender do que o outro “é feito” pode ser uma forma de não deixar que subjetividades constituídas a partir de violências, gerem novos ciclos violentos e nocivos ao convívio social.

## **2. ESPAÇOS CULTURAIS & EDUCAÇÃO: ANÁLISE DIALÓGICA DE INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DOS ASPECTOS CULTURAIS.**

A educação contemporânea, em tempos de pós-modernidade, enfrenta desafios únicos, sendo imprescindível refletir o ambiente escolar como espaço cultural de diversidades, Nesse contexto, Os Estudos Culturais, e as discussões geradas nos ‘Os Estudos Interdisciplinares em



Diferenças, Diversidade e Alteridade’, disciplina do mestrado que gerou a discussões deste artigo, são agentes importante na compreensão de conceitos teóricos e na reflexão das questões de análise relativa aos sujeitos da educação. Sendo assim, os Estudos Culturais emergem como ferramenta crucial para entender as origens e as camadas de ideológicas presentes em diversidades de discursos, estejam eles implícitos ou explícitos nas diversas manifestações culturais. A partir de alguns análises e do alcance cognitivo que é possível, dentro das experiências docente, as diferenças no ambiente educacional, tanto quanto as identidades e subjetividades dos estudantes (sujeitos da educação) e a interseccionalidade, ou seja, os marcadores sociais que influenciam a forma de agir dos sujeitos no espaço escolar passam a ser assunto de debate no presente artigo.

O exercício de pensar nesses marcadores, faz com que busque-se a ampliação dos espaços de fala no ambiente escolar, exercitando a escuta afetiva, como instrumento para compreensão e adequação das subjetividades que encaminharão o diálogo entre pesquisador e pesquisado. Para Spivack:

A tarefa do intelectual pós-colonial dever ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça possa ser ouvida (a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e como consequência, possa também ser ouvido”. (SPIVACK, 2010, p.14)

O assunto educação, de maneira geral, oferece espaços de disputas no que se refere à questões políticas, pois sendo a escola pública um espaço cultural e acadêmico, gerido pelo estado, perpassa pelas políticas públicas condizentes com as escolhas democráticas advindas dos governantes eleitos pela população em determinados períodos.

Tais escolhas, moldam periodicamente as políticas internas e as práticas educacionais de acordo com a visão que cada grupo que está no poder.

Um conjunto de leis, no entanto, “protege” as instituições públicas de Políticas Públicas Educacionais do país, como a LDB, Educação Integra, PNAE, FUNDEB e BNCC, mais recentemente, dentre outras de discrepâncias absolutas na forma de agir de governantes.

O espaço cultural e acadêmico escolar, para além das questões organizacional, funcional e de políticas públicas, ainda sofre influência direta do meio social, das redes sociais e familiar dos indivíduos que estão inseridos na comunidade escolar. Portanto, a educação em tempos de pós-modernidade, ou como define Bauman, “*dos nascidos em tempos líquidos,*” enfrenta desafios singulares e seculares, sendo fundamental fomentar debates sobre temas transversais como consciência de classe e meritocracia, por exemplo, onde são esclarecidos a quem interessa as políticas meritocráticas, geradas por detentores de poder econômico que impõe padrões



inalcançáveis, pois partem dum ponto de vista unilateral, ignorando a geração de misérias geradas e por uma inexistência ou ineficácia de políticas sociais inclusivas e igualitárias. As ideologias fundamentadas por esses grupos são hoje amplamente espalhadas através das tecnologias, pois na era do Podcasts, esses grupos encontram espaços e público. Há a subversão de valores ou a manipulação de fatos para gerar “confirmação” de suas teorias segregadoras, misóginas ou até genocidas.

Segundo Castells (p.9), *a forma com que as pessoas pensam determina destino de instituições, normas e valores sobre os quais a sociedade é organizada [...]torturar corpos é menos eficaz do que moldar mentes*. O autor nos explica ainda que é por esse motivo que a luta pelo poder está atualmente em convencer as pessoas a pensar de uma determinada forma, pois dessa só assim, estabelecer-se-á uma relação de poder, de dominação das massas. Isso é que tem feito a extrema direita em nosso país, e podemos observar os efeitos maléficos disso no dia a dia nos ambientes escolares.

Observa-se que o convencimento nas redes vem através de uma espécie de “*silogismo do mal*”, situação na qual extrai-se um fato, por exemplo a morte de um jovem por um ex condenado da justiça, para justificar a necessidade de armar a população para evitar a violência, quando por trás disso está o interesse escuso da indústria armamentista, aliado a interesses políticos para gerar lucros e dividendos.

Enquanto sujeitos da educação, nossas vivências, experiências, as formas de lidar com as situações diárias, vão desenhando no espaço cultural em que estamos inseridos padrões de comportamentos que podem ser discriminatórios sem que ao menos nos demos conta disso. A percepção de tais padrões, ocorre mais claramente quando proporcionamos espaços de debates, e isso ocorre, segundo Castells, porque “*Os seres humanos criam significados interagindo com seu ambiente natural e social, conectando duas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais* (Castells, p.9, 2013). O autor nos explica que apesar das comunicações em redes terem um alto poder de convencimento, o interlocutor não é passivo nesse processo, ele participa ativamente construindo os significados, ao contrário do que diz Jesùs Martin Barbero (2017 p.277) “Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas.”

Observa-se aí dois pontos distintos de discussão, embora Barbero analise nesse contexto, não as redes sociais, mas a teledramaturgia, as novelas. Observando as contribuições de Barbero, poder-se-á, talvez essa seja uma questão relativa a gerações, uma vez que a pesquisa feita pelo autor esteja analisando a geração que hoje são pais ou avós dos estudantes, dos jovens citados nesse artigo ou nas pesquisas de Castells.



O relevante é pensar que ambas as gerações, são suscetíveis ao convencimento através das redes de persuasão existentes nos espaços virtuais de comunicação.

Há que se fazer um esforço considerável, para romper paradigmas, para transpor o “senso comum” das bolhas sociais em que essas gerações se encontram, abrindo assim possibilidades de debates que modifiquem a nossa própria forma de pensar. Essas bolhas, estão localizadas no espaço cultural das redes sociais, ou dos aplicativos de mensagens nos quais comunidades são criadas para manter, a depender do posicionamento político, desinformação e propagação de Fake News e/ou causar situações conflituosas onde imperam a desinformação, no intuito de manter mentes cativas, a serviço de grupos capitalistas, que veem seres humanos como massa de manobra, usando subterfúgios “conservadores” (que apenas se aplicam a aparências) na tentativa de estar no poder para obter ganhos, aos quais, a longo prazo, continuarão a manter as discrepâncias sociais e as riquezas do país nas mãos do grupo dos 10% mais ricos.

Sendo os estudantes, em sua maioria, indivíduos em formação, tornam-se presas fáceis e com propensão à cooptação de suas mentes jovens ao conservadorismo. As distintas camadas de ideias frágeis que vão sendo se consolidando na mente de meninos e meninas, não aparecem de forma literal, mas através de uma diversidade textual, onde cada ideia segregatória é implantada em forma de memes, brincadeiras, piadas racistas, sexistas, machistas. São camadas de preconceitos disfarçadas, muitas vezes dentro de conceitos repassados dentro do seio familiar. Dessa forma, aqueles que ainda não amadureceram com as vivências, muitas vezes não percebem que determinadas “brincadeiras” vão enraizando nas vivências sociais preconceitos seculares com uma roupagem moderna.

Há algum tempo atrás, havia um meme altamente compartilhado, neste havia sempre uma pessoa preta e a frase “ Nego pensa que é...” então vinha uma referência de “piada”, relacionada a imagem. Não obstante a quantidade de pessoas que já publicaram e discutiram sobre preconceito recreativo, ainda hoje, um tipo de absurdo e nocivo de preconceito ganha mais uma vez a aceitação e divulgação em diversas mídias. Quem consome, afirma: “mas é só uma brincadeira” “ O mundo está ficando chato, na minha época... “ Agora tudo é bullying...” De forma recorrente nas redes sociais os mesmos discursos equivocados e perversos como sendo repetidos e é importante que cada indivíduo em formação, em sala de aula, pense que a cultura das redes sociais não podem prestar-se ao serviço de espalhar preconceitos, pois com esse tipo de memes tidos como inocentes, trazem camadas de ideias discriminatórias que são sutis para mentes em formação, pois estas não tem a vivência para perceber que estão corroborando para a consolidação de conceitos que dizem que pessoas com determinada cor de pele “pensa” ser algo que não é, como se fosse necessário que nossa pele fosse de determinada cor para que cometêssemos equívocos na vida. Dos absurdos desses memes o pior é o “Nego pensa que é



gente.” Dentro dessa frase absurda, cabe séculos de escravidão mental social, desrespeito e crueldade. Ninguém tem o direito de propagar tal anulação humana. Esse é apenas um, dos muito tipos artefatos digitais que estão dentro das redes sociais e que são maléficos.

Para Stuart Hall,

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, p.63 2003)

As redes sociais, dessa forma, servem como instrumento de propagação desses discursos violentos e segregadores. E não é demais, recorrer às palavras de Mbembe para trazer à reflexão o peso real do quanto o racismo sendo propagado por mentes em formação, Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da mordenidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital.”

Normalizar o discurso é não trazer à interpretação desses textos midiático, os memes, associado-os aos alarmantes números de violência cometida com as pessoas pretas deste país. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a mais recente edição do *Atlas da Violência*, em 2021, 79% de todas as vítimas de homicídios no Brasil eram negras. A naturalização do discurso de desumanização do outro, é seguramente uma das formas mais conhecidas de violência. Toda humanidade é conhecedora dessa estratégia sendo utilizada em período de guerra. As pessoas tinham seus nomes substituídos por um número, tinham suas identidades roubadas, pois quando o outro não é mais humano, fica mais simples desrespeita-lhes os direitos.

Há ainda uma série de vídeos nos quais há um pai, uma tia, uma mãe, considerados “véia bruta,” “Véio bruto”, pessoas simples, que ganham o gosto popular por sua simplicidade. Essas pessoas, nos vídeos, agridem aqueles as filmam com palavras ou com agressões físicas, ou com ambos. Seus discursos, na maioria das vezes são carregados das ideias machistas, segregados e ofensivas com as quais foram criadas. Observa-se, que tiveram poucas oportunidades na vida. Observa-se também um caráter de que são bons seres humanos. A crítica aqui, não é na simplicidade do indivíduo, mas na perpetuação dos discursos que carregam preconceitos seculares repassados por gerações. Tais matizes tem raízes no patriarcado, portanto, reforçam ideologias discriminatórias como machismo, sexismo, capacitismo, etarismo, LGBTQIA+ fobia, racismo e outras formas de segregação. A” realidade” desenhada nesses espaços virtuais, perpassa as bolhas e chega aos ambiente cultural escolar, formando grupos, com os quais o debate sobre a inclusão, a diversidade, o multiculturalismo, a equidade passam a ser território hostil, pois



a associação à linha política partidária de esquerda, foi exaustivamente associada de maneira distorcida à perversão, que vai do uso dos banheiros ao uso de kits gays (que nunca existiram) à associação ao aumento da criminalidade, das violências, das barbáries, como causas das bandeiras defendidas através dos direitos humanos.

A violência sistêmica, encontra nas redes sociais, um ambiente cultural, mais uma forma de segregar e excluir. ‘

Contudo, o ponto de discussão sobre as redes sociais e o uso de tipo de discurso contido dentro dos artefatos da mídia como os memes, vídeos, gifs não intenciona colocar como ponto de partida a proibição do consumo deste, pois essa é mais uma maneira de viralizá-los. Já sabemos que o proibido tem esse poder, mas de trazer à discussão temos contidos nestes. Considera-se aqui, traze-lo ao debate. Demonstrar à estudantes quantas camadas de nocivas há na propagação de tais vídeos, memes, gifs, post...Compreender e ajudar mentes a formarem consciência crítica acerca do que se consome e do porque se consome. Buscar a construção de conceitos que forme mentes livres da propagação de ideias segregadoras através da educação baseada em fatores do desenvolvimento valores humanos como a empatia, sororidade, a solidariedade, entre outros e sobretudo compreendendo na interseccionalidade uma forma de combater as mazelas propagadas dentro das “brincadeiras” modernas contidas nas formas de comunicação das redes sociais.

Em continuidade à discussão dentro dos Estudos Culturais, observa-se em todos esses fenômenos sociais descritos existência de uma rede de informação de massa. Barbero questiona e responde acerca disso:

Mas que é uma massa? É um fenômeno psicológico pelo qual os indivíduos, por mais diferente que seja seu modo de vida, suas ocupações ou seu caráter, “estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportar-se de maneira completamente distinta de como o faria cada indivíduo isoladamente.  
(Barbero, 2017 p. 47–48)

Embora a sala de aula não seja a definição de massa, observa-se também esse fenômeno psicológico descrito por Barbero. É como um se para perpetuar as intolerâncias e as discriminações tais indivíduos precisassem de alguém que reafirme suas convicções. Eles não estão só, estão aos pares e em grupos, seja nas redes sociais e app, seja nas ações cotidianas. Hoje é possível ver desde grupos de influencers quanto podcasts, entrevistas em páginas de pessoas que rebatem os discursos inclusivos, de sororidade, contra preconceitos e contra propagação de discursos de ódio de famosos, ou de pessoas comuns mesmo, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Há aqui mais uma camada da influência cultural que se propaga nas redes por indivíduos que muitas vezes ignoram a influência da colonialidade do ser do saber em seus discursos. Acham que a forma equivocada de pensar, vem única e exclusivamente de suas próprias reflexões e não percebem que sua formação é advinda de uma série de fatos e exposições



propagada por séculos de dominação de conceitos advindo de outro continente, de outras culturas.

Um fato “interessante” para trazer à discussão é o que por vezes se ouve no ambiente cultural escolar, quando se convoca os pais para conversar sobre as atitudes preconceituosas dos filhos para com seus colegas. Chega-se ao absurdo de ouvir desses familiares que os filhos têm o direito de ter preconceito, tamanha a carência de referências humanitárias existentes em alguns grupos.

As irreflexões e ou as ideias conservadoras de fato, encontram permissividade em seus pares, quais um número cada vez maior de estudantes apropria-se através das redes sociais, propagam retrocessos relevantes, perceptíveis através de seus discursos em espaços de debates em sala de aula. Os alvos são sempre as mulheres, os gays e as políticas públicas que protegem a cada um de nós de julgamentos injustos.

Obviamente que nem tudo são dores, há também, a depender do perfil das turmas, posicionamentos inclusivos, condizentes com o que espera-se do comportamento humano.

Há espaços de discussões maduras e pertinentes, pois os discursos são inclusivos e acolhedores, no entanto, o que queremos estudar e compreender são os discursos conflitivos e o quanto a cultura digital, a cultura de massa e as mídias influenciam no comportamento dos jovens, dos professores e de parte da comunidade escolar (pais de estudantes).

### 3. ENTENDENDO OUTRAS NUANCES DE UM MESMO PROBLEMA: CONFLITOS

A escola pública é um ambiente de pluralidade sendo assim, as diferenças, alteridades, igualdades e singularidades são de extrema importância nos debates cotidianos desse espaço, sobretudo na atualidade, haja visto que a hiperconectividade juvenil em redes sociais e aplicativos de mensagens podem proporcionar segregação, opressão e outros tipos de violências. O pertencimento, o sentimento de unidade, de fazer parte do grupo e/ou de ter singularidade acolhida quando está dentro dos grupos mais vulneráveis é essencial para uma mente em formação em um ambiente escolar. É fato, porém, que o mesmo ambiente que proporciona afetos, proximidades, pertencimento e amizades também pode gerar bullying, opressão, racismo e diferentes violências como as denunciadas em jornais, noticiários, documentários mundo afora. À que se devem tais violências e violações? O que falta, ou está em excesso na pós modernidade?

A educação pode ser vista como um campo intimamente conectado à formação de pessoas e nesse sentido, há corresponsabilidade de professores, família, comunidade escolar e estudantes em situações de violência, bullying ou cyber violência?

Sendo as diferenças e as omissões parte importante dos assuntos a serem abordados na



escola, é pertinente, aliar os estudos de Patrícia Hill Collins que expande o conceito de interseccionalidade, inicialmente proposto por Crenshaw, para analisar as interconexões entre diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe social e sexualidade nas situações conflitivas no ambiente escolar.

Mas porque a escolar deveria preocupar-se com isso, uma vez que só o déficit de aprendizagem, apontados pelas avaliações internas e externas como SAEB, SAEMS, SAIEMS e até as internacionais como o IPA( Importance Performance Analysis), por exemplo nos dizem que a situação da educação é caótica?

Por que não há como desenvolver uma educação de qualidade com equidade e justiça social, sem pensar na integralidade da formação dos estudantes, ou seja, a escola, precisa não só mediar o conhecimento científico/acadêmico, mas também fomentar a autonomia, o desenvolvimento multidimensional no qual são pautadas a **Dimensão física** que relaciona-se à compreensão das questões do corpo, do autocuidado e da atenção à saúde; a **Dimensão emocional ou afetiva**, que preconiza o desenvolvimento do autoconhecimento, da autoconfiança e da capacidade de auto realização, da interação e da alteridade e das possibilidades de auto reinvenção e do sentimento de pertencimento; na **Dimensão social** na compreensão das questões sociais, à participação individual no coletivo, ao exercício da cidadania e vida política, ao reconhecimento e exercício de direitos e deveres e responsabilidade para com o coletivo; na **Dimensão intelectual**, à apropriação das linguagens, códigos e tecnologias, ao exercício da lógica e da análise crítica, à capacidade de acesso e produção de informação, à leitura crítica do mundo e sobretudo na **Dimensão cultural**, que diz respeito à apreciação e fruição das diversas culturas, às questões identitárias, à produção cultural em suas diferentes linguagens, ao respeito das diferentes perspectivas, práticas e costumes sociais. A Base Nacional Comum Curricular, instituiu e formalizou em legislação essa integralidade na formação estudantil.

Mas afinal, de que forma a Interseccionalidade contribui nesse debate?

A interseccionalidade como teoria social crítica, segundo Collins, destaca como as interseções moldam as experiências individuais e coletivas, influenciando a distribuição de poder na sociedade e é através da compreensão analítica desse processo, dentro das perspectivas dos Estudos Culturais, que educadores podem conhecimento num exercício de empoderamento, pois atualmente os estudantes são incumbidos de desenvolver habilidades críticas propondo possíveis intervenções para questões sociais nas quais há relevante impacto para as camadas mais desprotegidas da sociedade.

Segundo Djamila Ribeiro, apud Karla Akotirene propõe mais uma camada de discussão, destacando que a Interseccionalidade traz uma cisão feminismo global, no qual a representatividade das mulheres negras foi um fracasso, já que acabou por produzir racimos.



Sendo assim, as *reivindicações intelectuais* das mulheres negras são (eram) *inobservadas tanto pelo feminismo branco*, quanto o formalismo, a erudição na linguagem e os próprios discursos não representavam as mulheres negras e suas subjetividades, pois não *abarcavam vivências* e não permitiam o livre exercício intelectual, nesse sentido, reproduzia a subalternização da mulher negra. No entanto, explica ainda que,

Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, “primazia de uma opressão em relação a outras” (p.11, 2019)

Hierarquizar as opressões é uma forma de opressão, conforme podemos observar. Não obstante, a leitura e o debate sobre as falas como a recém citada, a compreensão das formas e as vivências dos grupos que sofrem opressão, precisam ter como protagonistas eles próprios pois aqueles que sofrem as violências, pois a não observância desse simples exercício, permite que um sistema representativo roube a identidade e por consequência a livre manifestação, a identidade de crianças, jovens e adultos. Pessoas que estão envelhecendo em um mundo experiências sociais/culturais conectam-se com as subjetividades de outras pessoas; e o que antes poderia até não ser identificado como um sofrimento, passa a situar-se em um espaço significativo da vida, onde não se está sozinho, onde suas questões encontram abrigo nas questões do outro. Conectar-se subjetivamente, socialmente com alguma história ou experiência de vida do outro, faz com que nos organizemos dentro de debates úteis, que são capazes de mudar paradigmas e corrigir injustiças, como foi o caso, há algum tempo atrás da proposta de um político de justificar a diferença salarial de homens e mulheres pelo fato das mulheres engravidarem, ou de necessitar ausentar-se mais vezes do trabalho por conta das demandas com filhos. Nesse caso específico, as diversas plataformas digitais fomentaram através de posts e lives uma diversidade de textos que geraram uma infinidade de argumentos plausíveis, a maioria deles baseados em dados do Censo no qual demonstrava as jornadas duplas, triplas das mães brasileiras e que comprovavam que justamente por medo de tais injustiças, mulheres com filhos, tornam-se mais responsáveis, comprometidas e esforçadas que qualquer outro segmento de pessoas no mercado de trabalho.

Não só nesse caso, mas nos casos mais diversos como na cultura do cancelamento, gordofobia, sexismo, dentre outros, o diálogo, a troca de experiências e a não hierarquização do sofrimento traz para a sociedade possibilidades de inclusão e pertencimento, porque é fato que há aqueles o sistema econômico moderno fragmenta seres humanos, criando bolhas ideológicas na qual a pessoa nem ao menos perceber que o discurso que produz, é contra si mesmo.

A trajetória educacional dos sujeitos da educação muitas vezes reflete e cristalizam desigualdades sociais, porque há a irreflexão sobre temas como consciência de classe, direitos humanos, falas racistas, capacitistas e etaristas que perpetuam como lugar comum. O exercício



de pensar, de analisar os discursos dos pares, sejam eles de relação familiar ou social, buscando compreender em que extrato social o indivíduo se encontra, é o único movimento humano possível para modificar modelos reproduzidos desde a do período colonial. É a irreflexão cíclica que nos mantém prisioneiros de um sistema injusto e opressivo. Neste contexto, a teoria da Interseccionalidade, emerge como uma lente crítica essencial para compreender e abordar as complexas interações de sistemas de opressão presentes no âmbito educacional, segundo Collins, o debate sobre:

Experiências dão motivo para as pessoas se disporem a enfrentar a difícil tarefa de teorizar. No entanto, a ação social racional, símbolo da análise da experiência, também tem se configurado uma dimensão importante da teorização crítica. Essa noção de aprender fazendo sugere que pensar e agir não são esforços separados, mas sim relacionados. (Collins 2022 p. 21)

Não só nas escolas públicas, mas especialmente nela, pela diversidade e por toda diferença no acesso às tecnologias, aos bens de consumo, à cultura, parece essencial refletir e debater sobre questões de gênero, de classe e de raça interseccionando, relacionando às diferenças sociais. Diante da análise de tais marcadores de diferenças, em reflexão constante, os sujeitos da educação podem desenvolver consciências críticas capazes de desfazer injustiças sociais seculares, que desprezam, ou não enxergam que existem vulnerabilidades maiores ou menores a depender das classes sociais, nas quais as pessoas são divididas entre, ricas e/ou pobres, ou seja, aqueles que podem ou não ter acesso a determinados bens de consumo, ou as questões étnico raciais, onde há uma estrutura de racismo, ou seja um racismo estrutural, e onde as questões de gêneros são pautadas tendo assim mulheres pretas, trans ou pobres ou seja as relações de opressão, de violências, de privação se inter-relacionam, uma vez que segundo Collins:

A relacionalidade e a justiça social constituem dois construtos centrais que circulam acriticamente no interior da interseccionalidade. Por serem pressupostos sempre presentes e dados como certos, não são necessariamente analisados ou avaliados de maneira crítica; em vez disso, moldam a erudição e a prática da interseccionalidade.(Collins 2022 p. 30)

No entanto, Collins argumenta que uma abordagem única para todos pode perpetuar a marginalização de certos grupos “*Sem uma autorreflexão fundamentada, a Interseccionalidade será incapaz de ajudar alguém a lidar com a mudança social, incluindo mudanças em sua própria práxis.*” (p.19) , nesse sentido haveria a necessidade de políticas educacionais que considerem as diversas experiências dos estudantes, como as abordadas nas formação de professores da Rede Estadual de Educação. É importante reconhecer as complexidades das identidades individuais, criando ambientes inclusivos e equitativos, promovendo o acesso igualitário a recursos e oportunidades não só nas redes Estaduais de Educação, mas também na esfera municipal, tendo em vista que os estudantes da educação básica em algum momento



estarão inseridos na Rede Estadual;

Para Kotirene, discutir questões de memórias, ancestralidade e identitárias promovem exercícios intelectuais descolonizadores. Ela exemplifica dizendo *‘enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas’* (p. 16).

O quanto é importante para meninos e meninas sentir a questão e colocar-se em discussões intelectuais relativa às suas identidades?

Só é possível ter protagonizar, sendo ativo no exercício de transformação de informação em conhecimento, portanto, compreender as diferenças identitárias e posiciona-se reivindicando políticas sociais equânime é exercício que precisa de espaço garantido no ambiente cultural escolar.

Os professores desempenham um papel fundamental e na discussão sobre questões inclusivas, anticapacitistas, antirracistas e reflexivas sobre a necessidade da expansão do conhecimento, da luta contra ideologias coloniais advindas de discursos paternalistas e segregadoras, tanto quando também faz na implementação da interseccionalidade na prática, porém isso só é passível de acontecer, sendo o educador, esse sujeito que busca tais reflexões no self. Collins e Spivak destacam em seus discursos a importância de reconhecermos as diferentes experiências dos outros, em proporcionar espaços de fala, onde a verdadeira expressão do eu posso manifestar, nesse caso, esse é um exercício de docência, no qual adapta-se as metodologias de ensino à promoção de um ambiente que valorize a diversidade e no qual o respeito pelas opiniões é uma via de duas mão.

Isso inclui para além das habilidades mediadoras de conflitos da docência, a incorporação de materiais de ensino que representem diversas vozes e perspectivas, bem como a criação de espaços seguros onde os alunos se sintam livres para expressar suas identidades sem sentirem-se ameaçados ou discriminados. Isso implica um trabalho de disposição docente, onde o início do exercício se faz na leitura e na escuta de uma diversidade de discursos, sejam eles das redes sociais, familiares, no círculo de amizades e onde mais as oportunidades surgirem.

É fato, que quando nos abrimos ao novo, tudo converge para que situações aconteçam, para que a experiência venha. Dessa forma, podemos dizer que tanto para professores quanto para estudantes, tudo será sempre um exercício, um exercício de escuta e um exercício de fala.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Hall (p.17) em seu texto A centralidade: dimensão global, a partir do século



XX começou uma “revolução cultural”, e o primeiro aspecto disso é que a cultura passa a assumir uma função de importância sem igual na organização da sociedade moderna e há uma expansão, circulação e da troca cultural através das tecnologias da revolução e da informação. O autor explica que a mídia é ao mesmo tempo uma parte crítica da infraestrutura material das sociedades modernas e um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes na sociedade. Além disso, Hall acrescenta que esse fato é responsável pela transformação do cotidiano das pessoas, pela forma com que lidam com as questões familiares, do trabalho e da construção de suas identidades. Essa revolução cultural, leva ao que o autor denomina de “a virada cultural” que se inicia com uma revolução de atitude com relação à linguagem e ao sistema de representação:

A virada cultural está intimamente ligada a esta nova atividade em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. (Hall, p.29 1997)

A globalização e a cultura de mercado a modificaram a organização do currículo nas escolas públicas brasileiras e a forma como o trabalho é organizado. Para Mbembe a globalização dos mercados, no início do século XXI, conjuntamente com a “privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo, fase da história da humanidade dominada pelas indústrias do silício e pelas tecnologias digitais, é o momento no qual o capital alcança seu ponto máximo e a consequência disso é que “a todos os acontecimentos e todas as situações do mundo da vida (pode) ser atribuído um valor de mercado.” e, em um mundo no qual o drama da vida era ser explorado pelo capital, com a globalização e o neoliberalismo, “a tragédia da multidão” passa a ser o fato de estar relegada a uma “humanidade supérflua”.

Sendo assim, enquanto caminhamos algumas décadas para dentro deste século, vivenciamos os matizes do que é ser supérfluo verdadeiramente e sistematicamente manipulados pelos algoritmos, de uma maneira geral. Atualmente, até mesmo os mais focados, podem através da inserção nas redes, serem levados por hiperlinks a passar horas, consumindo páginas e páginas de informações inúteis ou segradoras, conforme discutido no texto acima.

Hoje de posse dos *smartphones*, artefato tecnológico que os coloca a um *touch* tanto da diversidade cultural quanto das armadilhas das redes sociais, a depender da rede o estímulo é uma hipersexualização, enquanto em outras são os artificios para um consumo desenfreado. Temos uma geração que está com todo tipo de informação nas mãos e que contrói sua identidade influenciada por manifestações culturais diversas.

Somado a isso e além dos outros pontos já discutidos, a educação pública é “pressionada” pelo capital, a tornar as massas aptas para o trabalho, enquanto na educação em redes particulares de



ensino, a função é o desenvolvimento intelectual.

Em 2002, Barbero (p.10) relatava em seu livro, *A comunicação na educação* que, apesar de países como, *a mentalidade escolar era de continuar colocando a tecnologia não só fora da sala de aula, mas também da cultura*. No entanto hoje, após um período de pandemia, não só a tecnologia está na educação, como a multiculturalidade passa a ser parte do nosso tempo, uma vez que, estamos sempre a um click ou uma mensagem para consumir não só canções, notícias ou qualquer tipo de arte de países de todo o globo, mas também alimentos, vestuários e sobretudo, conhecimentos, sejam eles ancestrais, modernos ou culturais. É certo também, que em alguns casos o professor, culturalmente influenciado pela escola na qual passou e não desejoso de modificar suas práticas, trabalha com a tecnologia como uma extensão da lousa, ou da prática centenária da cópia através da lousa e assim, age como Barbero cita na passagem já descrita.

Nesse sentido, uma discussão auxiliou a compreender que integrar as perspectivas teóricas estudadas nas práticas educacionais é essencial para criar ambientes de aprendizagem inclusivos, que reconheçam e celebrem a riqueza das experiências individuais e que respeitem a integralidade de cada um.

Os estudos culturais, permitem uma visão abrangente e crítica sobre a diferença e a diversidade na educação contemporânea, pois suscita reflexões sobre identidades, interseccionalidade, subjetividades e sobretudo sobre o quanto a cultura e o meio social influenciam nossa forma de pensar ou reforçam nos fazem abandonar crenças e valores.

Ao considerar os sujeitos e as interações complexas entre raça, gênero, classe social e outras formas de identidade, abre-se a possibilidade de desenvolver estratégias mais eficazes para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa, buscando a compreensão de que a cultura pode modificar nossa forma de pensar e isso nem sempre pode ser considerado algo negativo.

Em um mundo cada vez mais diversificado, no qual períodos de polarização geram situações conflitivas e desgastes de toda ordem, a educação deve ser um agente de transformação, onde os seus pares possam exercitar sua intelectualidade na promoção e na compreensão, no respeito e na valorização das diferenças. Celebrar esses espaços, é não permitir que o culto à ignorância, feito outrora, volte a ter espaço.

As identidades culturais são construídas por meio de interações sociais, históricas e políticas. Podemos considerar como a interação política, pôr exemplo o movimento no entorno do então presidente Jair Bolsonaro, que influenciou e influenciou milhares de pessoas através de seu discurso segregador no qual agregava falas machistas, misóginas, de religioso separatista que sequestraram mentes que simplesmente deram permissão e espaço para que tais identidades se manifestassem por ter uma grupo social que compactuavam com tais discursos. Tais grupos,



buscavam simples, como o uso de armas, como soluções complexas como a violência, a pobreza e as mazelas da educação se resolvem com discursos violentos. Pessoas que até então conhecíamos com um tipo do comportamento, rapidamente demonstram ser pessoas pouco empáticas, que se sentem parte de um movimento e por esse motivo, culturalmente conectam-se com tais discursos.

Escosteguy nos explica sobre o hibridismo cultural, no qual as identidades culturais são frequentemente híbridas, resultantes da interação e fusão de diferentes culturas. Podemos observar tais manifestações nas tendências das redes sociais e no consumo desenfreado das mesmas. Estilos de roupas, cabelos, maquiagens e procedimentos estéticos, são alguns dos itens que podemos observar que advém de diferentes culturas.

A autora também destaca a globalização e identidade onde analisa o impacto da globalização na formação das identidades culturais, explicando como as trocas culturais globais afetam as identidades locais e regionais, assim como a identidade nacional e regional, na qual examinar como as identidades culturais são moldadas por fatores como nacionalidade, etnia, religião e região geográfica. Através das mídias, Escosteguy investiga o papel dos meios de comunicação na construção e representação das identidades culturais, incluindo como a mídia influencia a percepção de identidades individuais e coletivas, portanto, não só as mídias influenciam na construção de identidade, tanto individual, quanto coletiva. Conseguimos comprovar isso, ao observar em sala de aula ou na própria escola, grupos que costumam ter um comportamento semelhante. Todos desejam a mesma marca de tênis, mochila, telefones celulares, etc.

Para Escosteguy, as identidades culturais são mobilizadas e politizadas em diferentes contextos sociais e políticos, incluindo questões de poder, exclusão e resistência.

Já no que diz respeito a identidade e pertencimento, Escosteguy abordar a relação entre identidade cultural e senso de pertencimento, explorando como as pessoas se identificam com diferentes grupos culturais e comunidades.

Ao pensar na cultura como meio de análise dos sujeitos e suas identidades, vale trazer ao diálogo dos textos Escosteguy e Hall sobre identidade. Exercitar a mente a compreender o papel dos meios de comunicação na construção e representação das identidades culturais, incluindo como a mídia influencia a percepção de identidades individuais e coletivas é uma forma de conhecer os sujeitos da educação percebendo suas particularidades de forma a fazer uma reflexão profunda que envolve não apenas a análise de quem são esses indivíduos, mas também como eles pensam, agem e constroem-se em um contexto específico, marcado pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas de uma geração.

De fato, parece-nos que para não reproduzir preconceitos, é necessário expandir



a mente e buscar uma forma de lidar com as aprendizagens nesse momento em que a informação é expandida e a cultura globalizada empresta formas de agir de diferentes lugares aos “personagens” do nosso dia a dia na escola, os estudantes.

Doramas, músicas coreanas, boy band chinesas, incitação de consumos excessivos, da melhor roupa, melhor make, perfil mais badalado, personal influencers de todas as idades, são algumas das muitas vivências que influenciam nessa geração, que de longe é das mais consumistas que já conhecemos. Além disso, movimentos sociais e culturais como o Me too, black lives matter, são também exemplos de movimentos sociais que ganharam o mundo através das mídias. Uma diversidade de pessoas por todo globo indentificaram-se com esses movimentos e com os propósitos que apresentavam, no Black lives matter, onde jovens, crianças e idoso do mundo inteiro, conectaram-se e protestaram pelo uso excessivo da força ( assassinato) de Jorge Floyd nos EUA. Já no movimento Mee too, mulheres começaram a delatar pessoas ligadas ao cinema que as coagiam a favores sexuais

e/ou assédio de homens nesse mesmo meio, onde chateavam atrizes para receberem papéis em cinemas e séries nos EUA. Esse movimento também ganhou o mundo e mulheres de todos lugares e os classes sociais começaram a relatar abusos e chantagens de ordem sexual para ganharem papéis em séries e gravação de filmes.

O exercício de conhecer, compreender as identidades e de celebrar as diversidades cabe primeiro a cada um de nós. Compreender que a manifestação da individualidade do outro jamais pode ofender sua maneira de pensar e de se colocar na sociedade é um bom e importante ponto de partida.

Não se espera com o exercício dessa escrita convencer ninguém de nada, espera-se acima de tudo, mover as certezas e exercitar acima de tudo a apropriação dos debates que renovam e modificam as velhas formas de pensar.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBERO, Jesús Martín. **A comunicação na educação**. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2022, 157 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora



DP&A, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia.** 9 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino Americana.** ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 240p.

SPIVAK, Gayatri Charkravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.